

## Notícia: Conferência Sobre o Depois do Pós-Modernismo

Wilhelm Schmid<sup>2</sup>  
Universidade de Erfurt (Alemanha)

### News: Conference on After Post-Modernism

Uma palavra tem dominado os debates dos intelectuais durante os anos oitenta e noventa: *pós-modernidade*. Este rótulo tem permitido declarar obsoletos todos os grandes modelos que tentam explicar o mundo e os conceitos universais, quase todas as questões tradicionais da filosofia. Principalmente nas universidades americanas transformou-se em um autêntico conceito de moda. Agora, intelectuais de todo o mundo reuniram-se na Universidade de Chicago para refletir sobre um possível adeus à pós-modernidade.

Qual seria o lugar mais adequado para discutir sobre os tempos *após a pós-modernidade* senão Chicago? Esta cidade, que foi a Meca da modernidade, testemunho visível da pós-modernidade, ao menos no que tange sua arquitetura, converteu-se agora no cenário da busca de um além. *Como será o futuro? Iniludivelmente, busca-se seus vestígios, a direção para onde soprará o vento*, escreveu Marco d'Eramo em 1996 em seu livro sobre Chicago intitulado *Das Schwein und der Wolkenkratzer* (O porco e o arranha-céu). Certamente, nem todos descobrem de chofre o significado de tal questionamento. *Após a pós-modernidade?*, assombra-se o funcionário (da alfândega) à quem o visitante estrangeiro tem que prestar contas ao entrar no país. O primeiro nunca ouviu uma palavra da pós-modernidade, nem pode imaginar algo relacionado com modernidade alguma. Vive imerso dentro dela, é o único mundo que conhece. *Agora ele sabe*, justifica-se ao desculpar-se, *os tempos mudam tão depressa hoje em dia...*

Assim, já está gestando-se os tempos vindouros. Após os gracejos e a diversão da pós-modernidade, o regresso ao trabalho sério, sobre tudo da reflexão, que já não se compõe apenas de citações irônicas. Nas conferências em Chicago sobre o tema, *Após a pós-modernidade*, os participantes tinham claramente, de todas as formas, que é muito difícil fazer a história da pós-modernidade. Por um lado, porque

este conceito englobou coisas extremamente divergentes e somente aos olhos do público aparentou ser um fenômeno mais ou menos unitário; houve muitos que se declinaram à pós-modernidade, mas poucos declararam-se pertencentes a ela. Por outro lado, porque o nível de reflexão que, em que pese tudo, se havia alcançado nos debates pós-modernos não necessitava ser desvalorizado para regressar novamente com demasiada ingenuidade a estágios modernos ou já pré-modernos.

Apesar de tudo, a necessidade de um *mais além* percebe-se com meridiana clareza e não somente desde hoje. Isso não quer dizer que é aqui, na América, que está se gestando uma nova moda intelectual que terá que transplantar para outros lugares seguindo um modelo ao qual se dá crédito. Já em 1992, publicou-se na Alemanha um livro intitulado *Nach der Postmoderne* (Após a pós-modernidade), editado por Andreas Steffens, e anos antes, concretamente em 1986. Odo Marquard escreveu um artigo com o mesmo título. Independentemente dele, também na América surgiram dois livros que tratavam do *regresso do autor* ou da *individualidade após a pós-modernidade*, de uma *linguagem mais além da pós-modernidade*.

Depois da pós-modernidade, de acordo com o que se pôs manifesto em Chicago, confia-se em uma redimensão e redefinição do vocabulário clássico, que havia sido *deconstruído* e rejeitado, como por exemplo o conceito de sujeito, que tem se convertido quase em um sinônimo da imagem masculina do mundo centrada no Ocidente, firmada nos *logos*. Debates pós-modernos, pouco amigos de todo o essencial, essencializaram este mesmo conceito ao identificá-lo com tal conteúdo, como se nunca pudesse haver outro diferente, enquanto que agora pode passar-se a definir novamente o conceito de sujeito, porque em nenhum lugar está escrito que se tem que preservar o seu conteúdo histórico. A história, incluindo a de um conceito, pode seguir escrevendo-se, e as novas definições de modo algum podem pretender ser as únicas possíveis e válidas. Embora uma nova concepção de sujeito, nele coincidiu todo o mundo, devia levar em consideração a crítica pós-moderna e não evitá-la.

O retorno do sujeito vem acompanhado da busca de uma nova ética. Como na pós-modernidade havia se renunciado ao requisito de sujeito, o questionamento ético colocou-se forçosamente fora de vista, pois sem sujeito não existe ética, nem disposição para assumir a responsabilidade própria e alheia. As discussões de Chicago, no entanto, revelam que o questionamento ético volta a abrir caminho com força e que sua preocupação centra-se sobre toda a problemática ecoló-

1 O evento foi organizado por E.T. Gendlin e R.A. Shweder e realizado pelo *Committee on Human Development* da Universidade de Chicago, e patrocinado por este departamento e por *The Ward M. And Marian Canaday Educational Trust e The Human Development Student Association*. Preliminarmente ao encontro, houve troca de correspondência entre os participantes, via correio aéreo ou eletrônico, no período de novembro de 1996 a novembro de 1997. O Instituto de Psicologia da UnB foi representado no encontro pelo Professor Norberto Abreu e Silva Neto. O texto da notícia é tradução do original que apareceu sob o título "Chicago", em 1998. *Letra Internacional*, 55: 80-81. Madrid: Letra itself. Trad. do Espanhol por Eleni Roberta da Silva.

2 Endereço: Mindener Strasse 6, 10589, Berlin - Alemanha. E-mail: [wschmid@berlin.sireco.net](mailto:wschmid@berlin.sireco.net)

gica. Não se pensa tanto em estabelecer novas normas, pois não se pode obrigar todos os indivíduos a acatá-las, como em fundar uma nova ética baseada na pessoa. Porém, sua tematização deveria ser assumida pela pedagogia - outro âmbito ao qual em seu discurso pós-moderno não se deu a atenção merecida, a partir daí sendo debatido novamente pelos participantes na conferência.

E notável que muitas das contribuições ao debate recorreram uma ou outra vez a Heidegger. No que se refere aos participantes americanos, isto pode estar relacionado com a nova tradução inglesa de *Ser e tempo* (a Segunda), que surgiu em 1996 e não tardou surtir efeito. Falou-se sobre tudo com notável frequência do *ser no mundo* de Heidegger. Agora, acata-se com tanta intensidade este conceito porque nos tempos pós-modernos todo o mundo tem sido interpretado exclusivamente como simulação, como uma forma cada vez mais refinada da aparência? Torna-se, portanto, mais vigorosa a experiência da experiência de uma realidade na qual aninha-se uma igualdade que tem que afrontar - retorno este de uma realidade que, embora abrigue em seu interior uma significação variada e necessitada de interpretação, é, entretanto, realidade e de modo algum simples simulação.

Porém, o mero feito de todos aqueles que nas últimas décadas limitaram-se a auto qualificar-se de defensores ou detratores das idéias pós-modernas ou vislumbraram somente a certa distância toda a *pós-modernidade* voltarem a discutir entre si, é toda uma conquista. Participantes de todo o mundo e de todas as disciplinas reuniram-se formando um amis-

toso círculo de colegas, analistas e estetas, cientistas da cultura e da natureza. Os que temiam que entre formas hermenêuticas e científicas de proceder abrir-se-ia um novo abismo (segundo o que fez crer o catedrático da física de Nova York, Alan Sokal, ao parodiar a filosofia francesa há alguns meses) viu-se com agrado a perda desta ilusão nesta conferência: os cientistas da natureza insistem em abandonar a mera aplicação de um *método*, para conceber a investigação de modo hermenêutico como um processo de interação entre sujeito e objeto, e considerar a própria ciência não como um sistema próprio, cerrado em si mesmo, senão como um componente do *mundo vital*.

Entretanto, o futuro do projeto de *deconstrução* posterior à pós-modernidade é incerto. Alguns, que a consideram fundamentalmente uma deconstrução do sentido e da significação, e a identificaram com a pós-modernidade, tentam livrar-se dela; outros, de acordo com seu duplo sentido literal, tentam entendê-la melhor como construção e reconstrução de significado. Embora um livrero da proximidade do local da conferência mostre um certo receio. Em sua livraria, um anúncio de *liquidação: Deconstrução, 25% mais barato*. Se as liquidações dos livreiros são a cotação na bolsa do espírito, os valores (discursos pós-modernos) estabelecem claramente a baixa cotação. No entanto, esta onda de vendas, produto do pânico, é conhecida em todas as demais Bolsas do mundo, de modo que ninguém deve considerar moeda podre toda sua biblioteca pós-moderna. As cotações poderiam voltar a subir ainda que fosse apenas por pura nostalgia.

Recebido em 09.09.1998

Aceito em 12.01.1998 ■